

Episódio 4 - Título: Foi um acaso ou talvez não

Voz Augusto Costa: Deixa-me concentrar, que eu estava escrevendo aqui, estava num lugar bem, bem longe. Bom, agora vou chegar devagarinho ai em Portugal, deixa eu voar, não aterrissei ainda [risos]

[primeiros acordes, parte instrumental da música LADEIRA DA PRAÇA, dos Novos Baianos. Acompanha toda a próxima narração]

Voz Isabel Mões: Vamos então chegar devagarinho, devagarinho e pelo mar. Imaginemos o cenário, um barco [som de um cargueiro], um cargueiro e lá dentro Augusto Costa toca violão.

[parte cantada da música anterior]

Voz Isabel Mões: [a música anterior acompanha a narração] Tem 24 anos, estamos em 1975. Augusto, natural do estado da Bahia, deixa o Brasil. Tem 150 dólares no bolso. Ele, e um velho padre francês, que regressa a casa depois de anos a viver fora, são os únicos hóspedes daquele navio cargueiro, que até tem piscina e tudo. Eles e a tripulação italiana. E assim se vão passando os 14 dias da viagem até Itália. Desde o verão brasileiro ao inverno europeu, do sol à neve. Podemos até imaginar Augusto de volta do seu violão a compor umas músicas e a pensar na extraordinária coincidência do convite para aquela viagem e como esse convite veio mesmo na altura certa.

[solo instrumental do final da música anterior]

Voz Augusto Costa: Quando a coisa aperta, isso é uma coisa que eu aprendi na minha vida, há sempre uma solução, não sei porquê, no último momento sempre me apareceu uma solução. Um dia chega o Zé, o Zé era o jesuíta, da universidade, meio-dia. Isso aí foi sete meses, né, antes da minha saída do Brasil. O Zé vem para casa e falou: - Ó Augusto, eu vou visitar a minha família em Trieste, em Trieste, na Itália, há 10 anos que eu moro no Brasil. Eu falei, pois é que beleza legal, etc. Aí ele sabia da minha situação, e ele perguntou: - Vem cá, você não quer vir para Itália? Eu falei; - Como, como é que eu posso ir para Itália? Vou lhe indicar um navio cargueiro. Porque o navio cargueiro pertence a uma firma, uma firma, que tem capital do Vaticano, (risos] Imagina, estou falando nos anos 70, o Vaticano tinha dinheiro, em firma de transporte, né. Então o navio transportava minério e o diabo a quatro. Ele falou: - Vou, se você quiser eu pergunto a ele se é possível para você ir no

próximo navio, e você vem para Itália e pronto. Aí eu vou receber onde você estiver na Itália. Eu falei, olha a solução. Aí veio o navio, o navio cargueiro e eu entrei no navio cargueiro escondido pelo porto, fui até Vitória, que não é na Bahia, Vitória é em outra capital e de lá me mandei para Itália. Foi assim que eu saí do Brasil.

Voz Isabel Mões: A coisa tinha apertado para o jovem estudante de teologia. Tinha apertado na altura em que a ditadura no Brasil atuava, como lhe era habitual, com mão feroz e repressora, mas naquele momento, na sua pior época, como refere Augusto. Em casa, entre a família, que não tinha propriamente um engajamento político, não havia um sussurro, uma palavra contra os militares e nem numa simples roda de amigos de infância, ninguém se atrevia a abrir a boca. O seu pai era funcionário do estado de Salvador e a sua mãe era dona de casa. Augusto Costa ainda estudante no seminário começa por realizar, com outros colegas franciscanos, um trabalho pastoral numa comunidade muito carenciada.

Voz Augusto Costa: Porque quem estuda a teologia para ser padre tem o lado prático. E eu decidi fazer um trabalho de pastoral, não no sentido de ficar somente falando de Deus, mas que tinha um engajamento, num bairro. Na época era uma coisa horrível, esse bairro, as pessoas viviam sobre palafitas. Quer dizer era uma área que ninguém ia lá, e aquilo era uma lama escura, e as palafitas era... as pessoas enterravam as palafitas. Era um bairro, um bairro, em cima da saída do esgoto do mar, que era uma coisa imensa, milhares de pessoas moravam ali.

Voz Isabel Mões: Apesar de não ter partido político, como diz, todos sabiam que era marxista. Ainda como estudante provocou um pequeno escândalo quando assumiu abertamente, perante toda a gente, a sua namorada. Os colegas diziam-lhe: - Augusto, vais ser posto para fora do seminário e da Universidade. Ele respondia: Se me metem para fora eu falo na hora sobre a vida dupla destes padres. Falava concretamente do director da faculdade de teologia, padre e professor universitário e que tinha um amante escondido no centro de Salvador, e toda a gente sabia.

Voz Augusto Costa: Eu queria terminar o meu estudo e ia ser padre, ia ser um padre da esquerda. Só que eu tive um comportamento que não combinava com a igreja porque eu sempre fui um cara, já naquela época, bem cedo, eu sempre fui um cara com um pensamento livre. Eu falei: - Se eu for ser padre, eu não vou fazer a mesma coisa que todos os padres fazem, ter uma mulher escondida, ou 2, 3, 4, ou então ter. Como é que se chama? Ter alguns meninos. Essa coisa no Brasil é a coisa mais normal, parece uma coisa estranha mas é normal, a igreja estava cheia de homossexuais e todos os homossexuais

estavam atrás de meninos. Isso é uma coisa, ahhh, que a igreja fala, ah, ah, ah, mas a maior parte dos padres era homossexuais e andavam atrás dos meninos. Inclusive dos meninos pobres, não é menino de classe média. Eu tive uma namorada e por causalidade, a última, ela estudava na universidade de sociologia, junto da católica. E a minha namorada eu levava para dentro da casa para estudar teologia comigo. Foi um escândalo, porque eu falei: - Ela, se ela quiser, quando eu terminar, ela vai morar comigo. Ai isso não pode! Não vou contar para você a conversa que eu tive com o meu bispo naquela época, que ele me falou como é que se faz, para resolver a questão do celibato. Bom, é ridículo demais. Eu me ordeno, em seis meses. Eu já estava com a paróquia certa, no interior da Bahia, mas se ela quiser ela vai morar comigo. Ai praticamente, eu não me podia ordenar. Tive três...para você se ordenar tem 3 celebrações, faltava a última. Ai eu falei: - tá bom.

Voz Isabel Mões: Não podia ser ordenado padre e sucede o episódio que precipita a sua fuga do Brasil. Entra num grupo de religiosos ecuménicos, constituído por duas freiras e um colega seu de teologia, que discutem política em segredo. Somente isso, um grupo de pessoas de esquerda que se junta para discutir política, mas depressa esse grupo tem de agir.

[Música PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES, de Geraldo Vandré.

Acompanha a próxima narração]

Voz Augusto Costa: Em Salvador foram presos 14 pessoas pela polícia. Trabalhadores, né, estudantes, era outra história. Mas depois a polícia soltou 10 e 4 pessoas faltavam. E a família falou; - Não, ninguém voltou. E na época, você pode imaginar, que a imprensa não pode noticiar uma coisa dessas. O jornalista que falasse, foram presos 14 pessoas, os nomes das pessoas não se escrevem, e 4 estão faltando e a família está pedindo socorro. O jornalista era preso, era comunista. E o nosso pacto foi o seguinte, se...tivemos com o jornal a Thalia, que era o maior jornal da época, de Salvador. E o jornalista falou; - Se vocês, como grupo, activo, ecunuménico, fizerem um pedido que nós publiquemos, aí nós fazemos, mas com o nome de vocês. Aí nós aceitamos. Nós aceitamos fazer isso, sabendo que era um risco, porque a polícia tinha o nome de todo o mundo. Então eles sabiam que existia um grupo ecuménico. Para a polícia, um grupo ecuménico eram naturalmente comunistas, o que não era. Nessa época era o seguinte, você tem que imaginar, que o Brasil da época, a igreja católica era uma autoridade. Tinham padres que eram presos por uma bobagem, o bispo ia à delegacia, e falava: - Solta ele. O arcebispo. Aí soltavam. Ai, aconteceu um escândalo, porque o escândalo foi, o bispo, o cardeal de Salvador que era o

cardeal supremo do Brasil. Ai ele falou que: - Esses participantes do grupo ecúmenico, não são igreja. bom. Aí é...está entregando aos leões, né.

Voz Isabel Mões: Augusto tinha sido portanto abandonado pela igreja e pairava no ar a hipótese de ser preso. Depois foi expulso do seminário. Os motivos foram vários, mas a gota de água acontece, quando a direção obriga os estudantes a participar num teste psicológico, conduzido por um médico militar. Quem não fizesse seria expulso. Metade dos seminaristas são contra, alguns vão murchando essa resistência e apenas 6, como Augusto, se mostram irredutíveis. Foi então morar numa comunidade na praia, no Bairro da Boca do Rio, uma comunidade, de gente expulsa pela igreja, com Esmeraldo, um colega do grupo ecuménico, e o Zé o tal padre jesuíta italiano, que vivia com a sua mulher oficial, e portanto tinha sido também afastado pelos jesuítas. Uma comunidade de quatro pessoas na Bahia de 1975, a que se juntavam muitos jovens, estrangeiros, brasileiros, hippies, que apareciam por lá. Não tinham onde ficar e lá “botavam um saco cama e dormiam no chão”, Às vezes 10 de cada vez. Vivíamos como queríamos, e partilhávamos a mesma visão cristã comunitária, diz Augusto. Depois já contámos, veio a fuga para Itália, e a chegada a Trieste.

Voz Augusto Costa: Eu cheguei na Itália, ele foi me buscar eu fiquei com a família dele, ele voltou para o Brasil. E eu depois, pronto, sai sozinho e aí começou a minha aventura pela Europa. Porque na Itália eu não podia ficar, que tinha uma licença de turista, foi no máximo seis meses. Aí tive de sair. Então eu fui embora, tive de ir embora. Eu podia ficar no país correndo de polícia, isso ai não gosto. Fui para Itália, fui para a Suíça, deixaram entrar mas eu não queria ficar na Suíça. Eu fui só lá pegar o carimbo e voltar de novo. Fui para a França, fui para a Espanha. Na Espanha fiquei na casa do irmão do pároco da cidade que os meus pais moravam na época, que é na Bahia. O pároco da região onde meus pais moravam, ele falou: - Augusto se você...esse padre, ele era comunista. Era um padre realmente muito engajado e eu sabia que ele era comunista, que ele falou para mim. Era o pároco da cidade onde os meus pais moravam, e ele falou: - Augusto, se você for para a Espanha, e não tiver onde ficar, a casa da minha família é em Valladolid. Assim eu fui rodando, rodando, naquela época era fácil você de dedão, você pegava carona em tudo quanto é canto. Eu viajava de trem, de vez em quando, mas a maioria era de dedão. Aí eu fui para casa dessa família, mas aí eu falei: - Valladolid fica aqui, eu tenho que fazer alguma coisa que faça sentido.

Voz Isabel Mões: Não consegue um trabalho fixo em Itália, país onde gostava de permanecer e vai arranjanado trabalhos ocasionais. Depois de seis ou sete meses dessa

vida de saltimbanco, um turista sem dinheiro, que não queria ficar de modo nenhum ilegal na Europa, Augusto, em Espanha é acometido por uma espécie de doença subita.

[Música O BÊBADO E A EQUILIBRISTA, de Elis Regina. Acompanha o próximo depoimento de Augusto]

Voz Augusto Costa: Ai me deu a Brasilit, deu uma vontade de voltar para o Brasil. Ah, eu vou voltar para o Brasil, não vou ficar aqui não. Eu falei: - Não, a cidade é bonita, mas o que é que eu vou fazer aqui? Ai deu um ataque, se já tinha dado um ataque em Itália. Eu falei: - Não, eu vou para Portugal e lá eu pego de novo um cargueiro, pago um cargueiro e volto para o Brasil. E foi lá em Portugal que começou a aventura portuguesa.

[solo do final da música anterior]

Voz Isabel Mões: E foi assim que começou, por acaso ou talvez não, a sua aventura portuguesa. Chega a Lisboa em Julho de 1976, com duas malas, uma cheia de roupa e outra cheia de livros. Chega às 4 da tarde, sem conhecer ninguém [som de vozes de pessoas que vai acompanhar a próxima frase] e sai para procurar um lugar para ficar, mas Lisboa estava uma confusão e a rebentar pelas costuras [só som de pessoas mais alto, quando começa a próxima frase acompanha de novo a narração]

Desde 1974 tinham chegado a Portugal mais de meio milhão de colonos portugueses. Todas as pensões, hotéis e quartos da cidade estavam ocupadíssimos. Portanto, pelas 7 da tarde, Augusto percebe que vai ser impossível arranjar dormida e resolve bater à porta do quartel da Marinha. [sai som de vozes de pessoas] Pede guarida por uma noite, mas dizem-lhe que ali não pode ficar. Às 10 horas, já escuro, encontra uma esquadra da polícia e tenta de novo a sua sorte. O agente, primeiro faz uma piada, com aquele brasileiro que não se importa de ser preso. Ele diz que só quer mesmo um lugar para encostar a cabeça. O polícia diz que não, mas já Augusto caminhava a alguns metros da esquadra, sem saber bem o que ia fazer, quando ele o chama e diz:

Voz actor João Ferrador: O brasileiro, a gente tem uma mesa lá atrás, se quiseres podes lá dormir. Aceitas?

Voz Isabel Mões: Eu falei, aceito. [risos] No outro dia eu saí. Bom, foi legal. Dormi bem, em cima da mesa. Estava acostumado a dormir no chão, nessa vida de...nesses seis meses, para cima e para baixo com dedão. Bom, aí foi, eu saí por Lisboa, e já nesse primeiro dia eu

encontrei com um jovem. É claro que eu fui aos lugares certos, né, fui procurar onde tinha cartazes, onde tinha alguma coisa a ver com política e tudo. E numa dessas...eu não lembro mais, onde encontrei esse menino. Devia ter uns 18 anos, 19 anos, pouco anos mais novo que eu. E ele me falou: - Ah, você está aqui. E eu falei: - Eu quero ir para o Brasil, mas não tenho onde ficar, não tem hotel, eu tenho pouco dinheiro, mas eu não tenho onde ficar. E ele falou: - Ah, eu tenho a solução para você. Você quer dormir, quer ajudar na cooperativa, numa cooperativa comunistas? Ajudar como? - Você vai lá, trabalha no campo e a comida é de graça. E eu falei: - Bom, aí tá a solução.

Voz Isabel Mões: E lá seguiu viagem para a cooperativa Estrela Vermelha em Santiago do Cacém. Fica a saber a história dessa ocupação, igual a tantas outras, uma terra subaproveitada, de que só se tirava cortiça e gente a precisar de trabalho. Agora a cooperativa tinha centenas de pessoas a trabalhar. Continuavam a ter sobreiros, mas havia muito gado pequeno, cabras, ovelhas e porcos. Cultivavam-se muitos hectares de arroz pela proximidade do rio e tomate que ia para uma fábrica em Alvalade do Sado. Augusto chega no verão, e a cooperativa fervilha de atividade e de pessoas, uma cacofonia de línguas que se podia ouvir por lá.

Voz Augusto Costa: Então fiquei ali, eu queria conhecer realmente o que era uma comunidade comunista, porque no Brasil eu não tinha contacto com uma comunidade comunista. É claro, no meio da ditadura. Eu não estava em nenhum partido e eu queria saber o que era isso. Que, eu era marxista de teoria, mas na prática era eu sozinho. E foi assim que eu fui lá. Cheguei lá na Estrela Vermelha e estava cheia de estrangeiros, tinha 30 estrangeiros todo o mundo dormindo numa sala imensa, um salão, cheio de beliches, beliches de duas camas, né. Peguei logo uma cama que estava ali, e pronto fiquei ali. E lá a grande maioria, todo o mundo da Alemanha especialmente...Suécia...alguns franceses, espanhol, um ou dois, um ou outro português, mas português ficava pouco tempo. E pronto, cheguei ali, todo o mundo junto e foi uma coisa legal.

Voz Isabel Mões: O salão era a casa dos estrangeiros e dessa casa lembra-se das discussões políticas intensas entre os jovens, sobretudo do Partido comunista da Suécia e da Alemanha e das discussões acaloradas, que só escutava cá de fora, durante os plenários da comissão dos trabalhadores portugueses. Lembra-se que de vez em quando apareciam crianças, pequenas, que vinham com os pais, estrangeiros e que o salão tinha um lugar para cozinhar. Às vezes era um pouco caótico, com algum barulho, mas era um espaço independente, e sem restrições de espécie alguma, até porque estávamos no final dos anos 70, que era a época da sexualidade livre, diz Augusto.

[Música LANÇA PERFUME, de Rita Lee. Continua por baixo da próxima narração]

Voz Augusto Costa: Pronto a estrangeirada, estava tudo o mundo trepando um com o outro ali, quer dizer, não dentro do quarto que ali era chato. Foi uma coisa bonita! Foi uma boa aventura. E aí todo o mundo...quer dizer, tinha um riacho ali perto e a gente ia tomar banho no rio, e todo o mundo, os estrangeiros tomavam banho, é nú. É o chamado [palavra imperceptível, mas quer dizer nudismo em alemão] na Alemanha. E aí, eu estava no meio, também não tinha problema, tinha casa onde todo o mundo vivia nú, em Salvador. Eu entrei nessa história. Só que os portugueses não gostavam disso. [risos]. Quer dizer, tinha um riacho e proibiram, da cooperativa, os portugueses de se misturar com esses estrangeiros, aí, que andam todos nós

[solo da música anterior. Continua por baixo da próxima narração]

Voz Augusto Costa: Então foi uma boa aventura ali com aquela cambada, inclusivé eu tenho uma história, também, uma história...Peguei um beliche, eu dormi no beliche em cima, e mais tarde chegou um português, que ele ficou na cooperativa, umas duas semanas. Não, ficou mais de duas semanas. Ele dormia em baixo da minha cama e o nome dele era Lenine, Lenine. Quer dizer, eu dormia num beliche com o Lenine, em baixo da minha cama, e uma vez eu tinha uma transa com uma holandesa. Imagina, eu em cima da cama com a holandesa e ele em baixo, foi uma tortura para o cara. Então, essa história...ele falava: - Você está torturando o Lenine com a holandesa. [risos] Essas histórias, ah meu deus do céu.

Voz Isabel Mões: Augusto trabalhava na apanha do tomate. Termina o verão, os estrangeiros regressam aos seus países e ele fica lá sozinho. Tinha agora pouco dinheiro, porque o que tinha economizado, em Itália e em Espanha, já tinha gasto em comida, que comprava ou na cantina da cooperativa ou nas aldeias vizinhas. Na Estrela Vermelha não havia agora trabalho para si. Para si e para muitos trabalhadores portugueses por conta de dificuldades na venda dos produtos. Por outro lado havia também o medo de se perder a terra. Enquanto lá estive a GNR nunca entrou na herdade, mas a intimidação estava já em marcha na zona da reforma agrária. Em dezembro de 1976 foram presos pela GNR em Cuba 5 trabalhadores. Em Janeiro de 1977, na UCP A Força Popular, em Montemor-o-Novo, a GNR agrupou vários trabalhadores, colocou balas nas G3 e apontou-lhes as armas simulando um fuzilamento. Várias mulheres caíram desmaiadas.

Depoimento de Eugénio dos Santos ex trabalhador rural alentejano]: A gente estava apanhado a azeitona, a gente estava trabalhando, lá na agrária e a gente tinha que apanhar a azeitona. E depois, nesse tempo os ricos quiseram apanhar as terras outras vez e chamavam aguarda. A gente estava lá a apanhar a azeitona e a minha Eugénia e a Vitória, a Vitória tinha partido um pé, a descer do reboque partiu um pé. E o Bento...o Bento quê? [tenta lembrar-se do apelido] O Bento, do Arnaldo. Andava com o jipe e foi levá-la à farmácia e depois foi à do médico. E a guarda viu as ali e depois começou assim: - Ai putas, não demora muito tempo, que a gente esteja lá com vocês. E elas coiso...e elas amanharam...o Drº Figueiredo, amanhou-lhe o pé com uma ligadura e elas vieram e chegou ali, olha: - A guarda encontrou a gente lá na aldeia, na rua farmácia e disse, ai putas que a gente já lá vai. Não demorou quê...nem meia hora, a gente estava apanhando a azeitona e já sabíamos mais ou menos, que elas disseram, a gente estava com olho na estrada. Quando eles coiso...chegaram ali com jipes, e cães e tudo e cada qual, olha, para não levar porrada, fugiu um para cada lado.

Voz Isabel Mões: No Início de 77, teve de sair da Estrela Vermelha. Mas nessa altura a cooperativa Che Guevara abre-lhe as portas, um gesto que o marcou pela gratidão e que se traduziu numa enorme admiração por aquela gente. A cooperativa era mais pequena, mas tinha trabalho no inverno e lá se improvisou uma cama num armazém, uma maca militar de lona, mas, valiosíssima para mim na época, diz Augusto. Não demorou muito a começar por lá o sobressalto.

Voz Augusto Costa: A gente ouvia que vinham de cavalo e tudo. A gente tinha vigia à noite, ficava sempre um acordado para avisar se a polícia ia chegar, para a gente levantar, todo o mundo armado. Armado quer dizer, com as armas que a cooperativa tinha. Eu não tinha arma nenhuma. Claro, a arma era só do caçador, né. Eu e as mulheres eram facas e facões. Pois, mas a polícia, até eu sair de lá, a polícia não chegou na Che Guevara. Teve casos assim, de no meio da noite acordar todo o mundo gritando. Mas não era polícia, nem coisa nenhuma. Na hora que tivesse uma confrontação com a polícia, ou na demonstração ou então, no possível ataque policial que a gente sempre pensava que ia acontecer na Che Guevara, a gente precisava de ajuda. No verão anterior estava cheio de estrangeiro lá, a polícia nem invadiu a cooperativa cheio de estrangeiro. Agora a estrangeira foi toda embora, agora fica somente os portugueses ali, para lutar, para defender a sua terra. A esquerda de Lisboa, naquela época... eu ia a Lisboa pouquíssimas vezes, fui a Lisboa duas vezes somente...era a maior briga, entre eles. 'É como é hoje na Alemanha. Milhares... estou exagerando, dezenas de partidos comunistas, grupos, grupelhos, brigando. Quebravam a cara, iam para as demonstrações, e quebravam a cara uns dos outros. Eu

falava, essa cambada, se quer fazer revolução, porque não vem ao Alentejo, discutir com os camponeses e também ajudar...fazer a revolução só na teoria, isso não dá merda nenhuma.

Voz Isabel Mões Os outros estrangeiros já tinham partido e fica de novo sozinho com os trabalhadores portugueses.[som de lareira]

Fica tão absorto naquele mundo, que já nem tem vontade de sair da herdade. E é nessa altura que descobre uma das particularidades do povo alentejano.

Voz Augusto Costa: Uma das coisas que mais me ligou ao alentejano, é que o alentejano é calado. Não sei hoje, naquela época, eram pessoas do campo. Na cooperativa a maioria era analfabetos, tinham as famílias deles, então depois do trabalho, a gente ficava ali. Eles tinham uma lareira de fazer pão, e ali...era uma lareira imensa, era toda a noite. Jogavam lenha ali dentro do fogo e tinha fogo, era um lugar quentinho, era inverno, né. Era uma caseta e a gente ficava todo o mundo sentado olhando para o fogo, e se falava pouquíssimo, pouquíssimo. Quer dizer, o que se falava era durante o trabalho e assim. E então, essa maneira reflexiva, quase meditativa, que eu encontrei na cooperativa...olha eu nasci na cidade pequena, morei em cidade grande, e tudo. Mas aí, eu descobri, naquela época, que eu poderia viver no campo...porque também...e especialmente com pessoas como os alentejanos.

[Cante alentejano, cantado por um coro de mulheres, Pai do Céu. Continua por baixo da próxima narração]

Voz Isabel Mões: Delicia se com a comunhão das vozes, enquanto trabalha lado a lado com as mulheres, cortando os brotos dos eucaliptos. Descobre, contudo, uma realidade para si muito diferente do Brasil. Apareciam no campo mulheres com os olhos negros e elas perguntavam.

Voz actriz Céu Guarda: Ó brasileiro lá na tua terra o homem também bate na mulher?

Voz Augusto Costa: Eu falava, no Brasil o homem que bate em mulher é covarde. Naquela época, hoje também no Brasil, agora é diferente, o homem agora está até matando mulher no Brasil e, entre eles, os Bolsonaroistas são até heróis. Mas na época não, na época, o homem, pelo machismo contrário, né. O homem naquela época era machão, mas era um machão.. mas como ele era machão, então ele não bate na mulher. Mulher é fraquinha, né. Mulher é que precisa de protecção, esse era o machismo no Brasil da época, de 70, 80.

Tanto que os portugueses ouviram essas coisas e disseram "poxa , mas ela ficaram naquele negócio, uma coisa é o Brasil, uma coisa é a Suécia, outra coisa é a Alemanha. Alguns eram alcoólatras, inclusive um dos chefes da cooperativa era alcoólatra e ele batia muito na mulher... As mulheres não largavam os maridos. Para onde? Todo o mundo pobre.

Voz Isabel Mões: Percebeu também que àquelas mulheres e raparigas nada lhes passava despercebido e que iam observando, como era a relação entre os casais estrangeiros, como os homens dividam as tarefas ou tratavam dos filhos. Perguntavam sempre muitas coisas a Augusto e ele respondia, ou no campo ou durante as aulas de alfabetização que começou a dar por lá. Alguns membros da cooperativa, segundo diz, não viam com bons olhos o seu contacto com as mulheres, como também não gostavam nada das críticas que ia fazendo ao modo de gestão da cooperativa. Disso aos boatos foi um instante.

Voz Augusto Costa: Eu critiquei isso ...claro como comunista. Que comunismo é esse? Porque, tinha pelo menos já seis salários. O chefe da cooperativa ganhava 6 vezes mais do que quem trabalhava no campo, em pleno inverno, na geadada. E, entre até quem trabalhava no campo, o homem ganhava mais, a mulher ganhava menos , e o que não tinha 18 anos ganhava menos , e a menina que ainda não tinha 18 anos ganhava menos que o menino que tinha menos de 18 anos. Quer dizer, era toda uma classificação e eu falei: - Vem cá , que tipo de comunismo vocês estão a construir? Mas isso era um tema de discussão. E quem trabalhava no escritório também já ganhava muito. E essa cambada que trabalhava no escritório ouviu que o brasileiro, que estava na Che Guevara estava criticando esse tipo de, de...como é que chama? De salário. Aí me apareceram dois caras estranhos, jovens também na cooperativa e ficaram me olhando, trabalhando no campo, dizendo que eram estudantes , mas eles eram funcionários do partido para me controlar. Na reunião central que eu não pude participar, foi dois pontos, um ponto é que era era espião, do partido cristão, talvez da CIA, e o segundo eu ia fugir com 4 mulheres da cooperativa. [risos] Ai os maridos das mulheres ficaram naquela. Será? Será? Mas imagina, como é que eu...que mulheres idiotas, como é que eu! Se fosse uma pelo menos, agora 4. Só para amedrontar os maridos, claro que alguns maridos não acreditaram na história. Mas aí foi um dos motivos, e dizer: - Olha, o cara tem de sair daqui. Na reunião central, e a turma votou na reunião central e eu tive de sair.

A turma tinha que eu era espião era uma suspeita que usaram, mas realmente naquela época todo mundo da esquerda, você andava pelo mundo todo, você sabia que havia espião em tudo o que era canto Quando nós brasileiros encontrávamos brasileiros em Lisboa, na festa da Amnistia para o Brasil, todo o mundo está ali com o maior cuidado , para que não estivesse ninguém ali, a perceber mais de você do que deveria.

Voz Isabel Mões: Augusto sai da cooperativa em julho de 1977, mês em que é discutida a nova lei de base para a reforma agrária, a chamada Lei Barreto. Os grandes agrários podiam agora receber reservas até 700 hectares.

Os trabalhadores das cooperativas contestam energicamente [som manifestação] essa lei, fazem paralisações...saem para a rua...milhares de trabalhadores da reforma agrária pedem que se respeite a constituição, onde está inscrita a transferência progressiva da posse da terra e dos meios de produção para aqueles que a trabalham.

[som manifestação. Gritam: Viva a classe operária. Viva. A Terra a quem a trabalha. Viva a reforma agrária. Viva]

Depoimento de Virgínia Lopes, ex trabalhadora rural alentejana

Voz Virginia Lopes: Quarenta e...

Voz Isabel Mões: Com quase 50, 48

Voz Virginia Lopes: 48

Voz Isabel Mões: 77, já estamos quase em 75 [engano, quer dizer 2025]

Voz Virginia Lopes: Vamos lá ver se eu agora reato bem as palavras.

Voz Isabel Mões: Não faz mal.

Voz Virginia Lopes: Senhor presidente da República [Ramalho Eanes] uma trabalhadora rural alentejana da zona da reforma agrária, vem por intermédio desta carta pedir-lhe o favor de cumprir a constituição. Não deixar ir avante essa lei reacionária, que o senhor Barreto fez. Onde é que estão os defensores do povo? Onde é que estão os homens que se dizem democratas?

Senhor presidente, nós trabalhadoras do Alentejo rejeitamos completamente essa lei inconstitucional, feita pela parelha Barreto e Portas. E vamos defender energicamente uma das maiores conquistas. A Luta continua. Virginia Rosa Cupido Lopes, Vale de Vargo.

Voz Isabel Mões: Depois chegaram as desocupações ou a retirada de milhares de hectares de terra às cooperativas, deixando as herdades cirurgicamente retalhadas. Era como um lenço cortado ao meio, ficando as pontas do lenço sem ligação umas com as outras, disse uma trabalhadora. Se uma herdade ficava sem as ribeiras como tinham água para o cultivo? E se ficasse sem as cabeças de gado? E sem as máquinas agrícolas? E as sementeiras em curso, e sem crédito, e sem poder vender cortiça?

[Cântico dos trabalhadores rurais de Pernambuco, cantado à capela. Continua durante a próxima narração]

Cântico: Camponês avança na batalha/vai o teu contingente sem fim/Teu trabalho de boa vontade, espalhando a reforma agrária. Lutei, para vencer, brasileiros de toda a nação/ Lutai, sem cessar, a vitória por fim alcançar/ Lutai camponês, trabalhai e não desanimai/ Lutai, lutai, a vitória ide proclamar.

Voz Augusto Costa: Na época, da maneira que eu estava vendo o partido comunista, pedia paz ao Alentejo. Os camponeses queriam fazer tudo, até resistir com armas. A gente tinha demonstrações, também, demonstrações, do partido português, para Alvalade do Sado, etc. A gente ia para lá, e aí percebia a revolta entre os camponeses e a turma do partido era segura, segura, segura. Porque a estratégia do partido comunista era conseguir finalmente a grande almejada colisão com o PS. Tinham que fazer tudo para que o PS achasse a gente simpático, e aí não deu certo. Estava na cara para mim que vinha do Brasil e conhecia essa história no Brasil, não dá certo, a colisão com esse partido socialista aí. Os socialistas sempre entregam, como a gente diz no Brasil, entregam...entregam tudo, entrega a história, entrega tudo, é a função do socialismo, é entregar tudo de novo. E aí fui embora, saí de Portugal, e ouvi, pelo menos acompanhei um pouco da Alemanha o que estava acontecendo. As cooperativas foram todas devolvidas.

[final do cântico: Lutai e não desanimei/ Lutai, lutai, lutai, a vitória ide proclamar]

[final do cântico anterior]

Voz Isabel Mões: Augusto descreve, assim em 2024 a memória, com quase 50 anos do seu último dia na cooperativa:

Depois da votação, na qual todos votaram pela minha expulsão, muita gente, às vezes a família toda, veio até mim, a pedir desculpas. Um dos trabalhadores disse-me: - Augusto, o que é que eu podia fazer? Se eu votasse para que ficasses, eles mandavam-me embora do mesmo jeito, dizendo que eu colaborei com um espião, e o que eu vou fazer depois? Eu já estou velho, a minha família é pobre. [primeiros acordes da música final] Tu, Augusto, tu és jovem, tens educação, vais continuar a tua viagem, a minha está quase no fim. Foram despedidas com lágrimas. Isto me toca até hoje.

[Música EU VI ESTE POVO A LUTAR, de José Mário Branco. Continua por baixo do próximo depoimento]

Voz Augusto Costa: Portugal era um país chamado democrático, pertencia à área democrática, e onde se teve uma revolução realmente armada e no Alentejo os camponeses assumiram tudo por armas, ocuparam tudo. Quer dizer, é uma história muito bonita para continuar sendo real.

[continuação da música anterior]

Voz Augusto Costa: A época que eu passei lá foi um ano só, né. Um ano é curto demais, seria ótimo se Portugal tivesse a chance de, pelo menos, praticar isso 15 a 20 anos.